

A INCORPORAÇÃO DE RELATOS ORAIS COMO FONTES NA PESQUISA HISTÓRICA

Carla Monteiro de Souza*

Em todos os tempos existem homens, eles existem no seu tempo e continuarão a existir enquanto alguém contar a sua história.¹

Esse estudo tem por objetivo realizar uma breve discussão a respeito do uso da história oral enquanto técnica, bem como procura salientar a incorporação dos depoimentos orais como fontes de pesquisa, tomando por base algumas experiências práticas vivenciadas ao longo da realização de pesquisa neste campo.

Recorrer a relatos orais não é um expediente novo na história da humanidade. Desde os primórdios o homem se utiliza de relatos orais para "expressar o legado de seus antepassados ou simplesmente proteger do esquecimento os eventos mais recentes", tendo o relato oral "raízes na própria natureza do homem". (IGLESIAS, 1984:59)

No nosso século, a difusão das experiências relacionadas à história oral estão ligadas a descoberta do gravador. Houve no início uma certa relutância na utilização desse tipo de fonte de pesquisa, considerada de "segunda classe", carente de objetividade e muito mais sujeita a equívocos que as fontes tradicionais. A partir do pós-guerra a história oral ganha novo impulso com os trabalhos como os de Jan Vansina e John Fage, abrindo caminho para que em países como a Inglaterra e a Itália constituíssem importantes núcleos dedicados ao estudo e à prática de história oral. (THOMPSON, 1992) No Brasil as experiências nesse campo ainda são recentes, ressaltando-se o trabalho do

* Professora Assistente do Departamento de História da UFRR.

¹ HELLER, Agnes. *Uma Teoria da História*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1993. P. 13.

Centro de Pesquisa e Documentação da FGV.

Da fase das primeiras experiências até hoje muitos aspectos foram incorporados à utilização do depoimento oral, a fim de adequar seu uso aos rigores cientificistas. Desenvolveram-se novos procedimentos, formas e meios para a sua utilização. Nesse sentido, a ampliação do raio de ação da história oral intensificou as discussões no seguinte sentido: a história oral é uma metodologia ou uma técnica? A fim de contribuir para essa discussão, e por entendermos metodologia como um conjunto de procedimentos articulados, cujo fim é obter resultados confiáveis que nos permitam produzir conhecimento, para nós a história oral é uma técnica. Embora existam alguns procedimentos indispensáveis para a sua utilização, esses jamais se configuraram como um conjunto de normas rígido; cada objeto é um objeto, que comporta elementos e situações que podem ser previstos, mas também uma gama variada de fatores imprevisíveis e inusitados, relacionados principalmente ao campo das relações humanas.

Por outro lado, em virtude dessa sua natureza peculiar, a utilização da história oral "(...) não se reduz a simples técnica" a serviço do pesquisador; pois é um procedimento que deve ser muito bem definido tanto do ponto de vista metodológico quanto epistemológico. (FERNANDES, 1993:220) Dessa forma, a reflexão sobre todas as etapas da pesquisa - desde a estratégia para entrar em contato com os informantes até a finalização do trabalho com a transcrição das entrevistas e sua inserção como fonte - devem ser definidas de forma consciente e cuidadosa, porém deixando sempre um espaço para a surpresa e, até, para a improvisação.

Dentre as etapas que compõem a pesquisa oral três são básicas: a localização dos entrevistados, a realização da entrevista, incluindo a transcrição, e a etapa da abordagem e incorporação como fonte. As estratégias a serem traçadas dependem muito do objeto e dos objetivos de cada pesquisa, mas alguns elementos fundamentais devem ser observados em cada uma das etapas básicas.

Em primeiro lugar, na localização e acesso aos entrevistados vários são os recursos a serem usados, que vão desde registros civis em geral (certidões de nascimento e de casamento, contratos, listagens...) até a busca por meio de anúncios públicos, listas telefônicas ou o simples *boca a boca*. O recurso a ser utilizado vai depender do grupo que se deseja atingir. Weber sugere, que sendo esse grupo uma comunidade fechada, como por exemplo, no caso das instituições e dos moradores de determinado lugar, o pesquisador deve procurar obter contato e apoio de um "indivíduo-chave".(WEBER, 1996) Esse indivíduo possibilita um contato mais facilitado entre o pesquisador e seus entrevistados, pois é uma pessoa conhecida da comunidade.

A seleção dos entrevistados tem que ser meticulosa; deve-se refletir se o grupo disponível para a pesquisa é realmente representativo àquela realidade social que se deseja investigar. Uma boa maneira de conhecer os prováveis entrevistados é realizar uma amostra, estabelecendo um contato prévio informal com essa comunidade. Feita essa etapa, deve-se selecionar quem será um bom informante e qual o melhor instrumento (entrevistas abertas ou fechadas, história de vida etc.) a ser utilizado, em função do objetivo que se pretende alcançar. Além disso, deve-se explicar bem ao entrevistado a natureza do trabalho que será realizado, seus objetivos e que produto final se deseja alcançar, obtendo deste uma autorização por escrito para a utilização da sua entrevista.

A realização da entrevista exige muito do pesquisador, não só no aspecto material - deslocamentos, equipamentos etc. -, mas fundamentalmente do ponto de vista psicológico/afetivo. O trabalho de rememorar deve se estabelecer através do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, implicando "uma atitude de sensibilidade, afetividade e respeito para com o entrevistado. Implica, também, uma disponibilidade para a escuta paciente, para a reciprocidade, a troca, a *compreensão* do universo que o pesquisador se propõe a investigar".(FERNANDES,

1996:117)

Neste sentido, Montenegro sugere que a postura do entrevistador deve ser a de "parceiro das lembranças". Deve interferir toda a vez que algum aspecto da narrativa não lhe parecer claro ou quando alguma coisa chamar atenção. Deve também aprender a ouvir e respeitar o tempo e o silêncio do outro, pois "(...) diversas vezes o entrevistado se faz calado; no entanto percebe-se que são momentos de profunda introspeção".(MONTENEGRO, 1992:150)

Em relação a transcrição, é voz unânime entre os especialistas da área que esta se faça imediatamente após a realização da entrevista e que seja feita por pessoa diretamente envolvida no processo, prioritariamente o entrevistador. Toda entrevista é revestida de uma gama de detalhes: são sorrisos, lágrimas, gestos, reticências que devem ser anotadas pelo entrevistador. Importante também é incluir na transcrição dados importantes sobre o entrevistado, como idade, naturalidade/nacionalidade, sexo, profissão, estado civil, local de residência, etc.; deve-se também mencionar o local onde a entrevista foi realizada

A abordagem dos depoimentos orais e sua inclusão como fonte de pesquisa deve basear-se na afirmação de Garrido de que, para tal, é "(...) necessário implementar, colocar em prática, um método particular que permita obter o máximo de informação, o mais confiável possível". Trabalhar com fontes orais "(...) não pode significar a gravação de uma série de testemunhos, rapidamente, e depois, usá-los como citações".(GARRIDO, 1993:37)

Segundo o mesmo autor, para garantir a sua incorporação, sem prejuízo à cientificidade do trabalho, as fontes orais, como quaisquer outras fontes, também requerem uma aproximação crítica, e para tanto o trabalho do pesquisador deve estar norteado por "(...) dois procedimentos de caráter interativo : um com a documentação escrita existente, e o outro, com o resto do *corpus* dos documentos orais".(GARRIDO, 1993:38) Corroborando, Iglesias afirma que deve-se confrontar cada entrevista, não apenas às dos

outros entrevistados, mas também a outros tipos de documentação.(IGLESIAS, 1984)

Sendo assim, não se pode tomar tudo o que diz o entrevistado como a realidade histórica, na medida em que tudo o que é narrado passa pelo crivo da memória. Como afirma Le Goff "(...) a memória humana é particularmente instável e maleável"(LE GOFF,1994:468) e tomar tudo que é narrado *ao pé da letra*, significa subtrair um dos aspectos mais interessantes do uso das fontes orais, que é o contato com a experiência vivida subjetivamente e no grupo.

Nesse sentido é de fundamental importância recorrer a estudos acerca da questão da memória. Apesar de ser uma discussão intrincada envolvendo várias áreas do conhecimento, para os historiadores a discussão mais importante é aquela que dá conta da memória, não como local onde as experiências individuais, sociais e históricas estão armazenadas, mas enquanto instância produtora de significados e de representações, ou seja, memória conceituada como *fenômeno social*.

Nesse aspecto, Bosi afirma que tudo aquilo que está guardado na memória dos indivíduos e que vai ser lembrado, não é produto das relações adstritas ao mundo íntimo da pessoa, mas faz parte de "quadros sociais". A memória de um indivíduo é condicionada por "(...) seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão".(BOSI, 1995:54) Enfim, com os seus grupos de convívio e referência e com as instituições sociais.

A mesma autora ressalta que, "(...) lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com idéias e imagens de hoje, as experiências do passado." Nesse sentido, afirma que "memória é trabalho." Por isso é necessário duvidar da sobrevivência do passado "tal como foi", buscando na lembrança "(...) uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à disposição, no conjunto de representações que povoam a consciência atual".(BOSI, 1994:55)

A linguagem desempenha papel fundamental no processo de "trabalho" da memória. É ela o "instrumento

decisivamente socializador da memória”, sem a linguagem não existiria o contato entre o presente e o passado, entre o eu e o outro.(BOSI, 1994:68)

A capacidade de narrar difere de um entrevistado para o outro e está associada a duas ordens de fatores : a descritiva e a imaginária. Como afirma Fernandes, o ato de contar as experiências vividas, de narrar é, antes de mais nada, “a produção oral de um texto”, na qual “(...) intervêm uma série de mediações que imprimem sua própria lógica no processo de lembranças.” O conteúdo factual das lembranças se relaciona com a significação que lhe é atribuída, isto é, com o trabalho da memória que o transforma em função do tempo e do espaço e das situações de vida. Pode-se dizer, então, que a narrativa é dotada de objetividade, traduzida em termos subjetivos.(FERNANDES, 1993:220)

Em função disso, a utilização de fontes orais, implica o conhecimento, por parte do pesquisador, dos quadros sociais nos quais os relatos se pautaram. Assim como ter bastante clareza em relação aos objetivos que se deseja atingir e as situações que se pretende examinar. Em função disso, deve-se definir também esquemas explicativos que permitam abordar a situação enfocada, distinguindo-a e a tornando explicável, na medida em que essa aparece integrada nos relatos, principalmente quando é utilizada a técnica da entrevista livre ou da história de vida.

Portanto, frente aos horizontes abertos para a ciência histórica nos últimos cinquenta anos, que sugerem novos objetos, novas problemáticas e novas abordagens, consideramos que toda a reflexão acerca da história oral é mais que pertinente, é necessária.

Na afirmação de Paul Thompson “(...) a história oral implica, para a maioria dos tipos de história, uma certa mudança de enfoque, implica na abertura de novas áreas de investigação”.(THOMPSON, 1992:27) Ampliar a sua utilização contribui de forma decisiva para trazer para a pesquisa histórica as pessoas comuns, entendidas como “o cimento da sociedade”, como “a sociedade vivida, sentida e

experimentada".(DENZIN, 1984:32)

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DENZIN, Norman K. **Interpretando as Vidas de Pessoas Comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner**. DADOS – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro : Vol. 27, nº1, 1984.

FERNANDES, Maria Esther. **A história de vida como instrumento de capacitação da realidade social**. Revista História - UNESP. São Paulo, Vol. 12, 1993.

_____. **Para Além da Técnica: as fontes orais e a difícil “dialética dos saberes”**. Estudos de História. Franca 3(2) UNESP, 1996.

GARRIDO, Joan del Alcázar. **As fontes Oraís na Pesquisa Histórica: uma contribuição ao debate**. Revista Brasileira de História. São Paulo, Vol. 13, n. 25/26, Ago. 1993.

IGLESIAS, Esther. **Reflexões sobre o que fazer da história oral no mundo rural**. DADOS - Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Vol. 27, n. 1. 1984.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 1994.

MONTENEGRO, Antonio T. **História Oral e Memória**. São Paulo: Contexto, 1992.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. P. 95.

WEBER, Regina. Relatos de quem colhe 'relatos: pesquisas em história oral e ciências sociais. DADOS - Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Vol. 39, n. 1, 1996.